

Beatriz Silva Goes

Universidade Federal do Rio
de Janeiro – UFRJ

E-mail:

beatrizsgoes@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Alfabetização midiática, midiativismo e a escuta do Sul Global: entrevista com Andrea Medrado

*Media literacy, media activism and
listening to the Global South:
interview with Andrea Medrado*

*Éducation aux médias, activism
médiatique et l'écoute des voix du Sud:
entretien avec Andrea Medrado*

Goes, B. Alfabetização midiática, midiativismo e a
escuta do Sul Global: :entrevista com Andrea
Medrado. *Revista Eco-Pós*, 28(1), 360–379.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i1.28479>

Dossiê Alfabetização Midiática e News Literacy

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

RESUMO:

A professora Andrea Medrado é diretora de pesquisas em Comunicação e professora associada da Universidade de Exeter, no Reino Unido. Também é docente adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Estado do Rio de Janeiro, Brasil¹. O seu livro mais recente, *Media Activism, Artivism and the Fight Against Marginalisation in the Global South: South-to-South Communication*, escrito em coautoria com Isabella Rega, recebeu o prêmio *ICA Outstanding Book Award 2024* e tem contribuído para debates inovadores sobre relações entre alfabetização midiática e ativismo social na contemporaneidade. Nesta entrevista à Revista Eco-pós, ela aborda a relevância do letramento midiático no contexto do Sul Global e a potência do artivismo, práticas artísticas associadas ao ativismo como instrumento de combate às desigualdades estruturais no acesso e na produção de conhecimento. Ela também reflete sobre a importância da literacia de proteção e segurança de dados articulada à alfabetização midiática e sobre integração entre ensino, pesquisa e extensão nas universidades para a transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: *Alfabetização midiática; ativismo social; Sul Global.*

ABSTRACT:

Professor Andrea Medrado is the Director of Research in Communication and an Associate Professor at the University of Exeter, in the United Kingdom. She is also an Adjunct Professor at the Universidade Federal Fluminense(UFF), in the State of Rio de Janeiro, Brazil, where she is currently on unpaid leave. Her most recent book, *Media Activism, Artivism and the Fight Against Marginalisation in the Global South: South-to-South Communication*, co-authored with Isabella Rega, received the *ICA Outstanding Book Award 2024* and has contributed to innovative debates on the relationship between media literacy and social activism in contemporary times. In this interview with Revista Eco-Pós, she discusses the relevance of media literacy in the context of the Global South and the power of artivism—artistic practices associated with activism—as an instrument to combat structural inequalities in access to and production of knowledge. She also reflects on the importance of data protection and security literacy in connection with media literacy, as well as the integration of teaching, research, and extension in universities for social transformation.

KEYWORDS: *Media literacy; social activism; Global South.*

RÉSUMÉ:

Le professeur Andrea Medrado est directrice de recherche en communication et professeure associée à l'Université d'Exeter, au Royaume-Uni. Elle est également professeure adjointe à l'Universidade Federal Fluminense (UFF), dans l'État de Rio de Janeiro,

¹ A professora Andrea Medrado está atualmente em afastamento na Universidade Federal Fluminense, em licença não remunerada.

au Brésil, où elle est actuellement en congé sans solde. Son livre le plus récent, *Media Activism, Artivism and the Fight Against Marginalization in the Global South: South-to-South Communication*, coécrit avec Isabella Rega, a reçu le prix ICA Outstanding Book Award 2024 et a contribué à des débats innovants sur la relation entre l'éducation aux médias et l'activisme social à l'époque contemporaine. Dans cette interview avec Revista Eco-Pós, elle aborde la pertinence de l'éducation aux médias dans le contexte des pays du Sud et le pouvoir de l'artivisme, ces pratiques artistiques associées à l'activisme, comme instrument de lutte contre les inégalités structurelles dans l'accès et la production de connaissances. Elle réfléchit également à l'importance de la protection des données et de la sensibilisation à la sécurité, en lien avec l'éducation aux médias, ainsi qu'à l'intégration de l'enseignement, de la recherche et de la vulgarisation dans les universités pour favoriser la transformation sociale.

MOTS-CLÉS: *Éducation aux médias; activisme social; Sud Global.*

Submetido em 16 de março de 2025.

Aceito em 20 de maio de 2025

Apresentação

Os processos comunicativos têm sido afetados por profundas transformações no ecossistema informativo. A internet e as redes sociais, com sua expansão avassaladora, tornaram-se arenas de disputa e esperança. Tais plataformas têm o potencial de ser utilizadas para promover a desinformação, propagar notícias falsas com fins políticos e amplificar desigualdades, mas podem ser territórios férteis para o florescimento de práticas que promovem a justiça social. Nesse cenário, a alfabetização midiática pode emergir como uma ferramenta crucial, pois é uma prática que não apenas decifra engrenagens e produções de sentidos de narrativas do ambiente digital, mas também oferece às comunidades marginalizadas instrumentos para reivindicar suas vozes e seus lugares.

A pesquisadora e professora Andrea Medrado é diretora de pesquisas em Comunicação e professora associada na Universidade de Exeter, no Reino Unido. Também é docente adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF), no Estado do Rio de Janeiro,

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

Brasil, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano e no Departamento de Comunicação Social, estando atualmente em afastamento com licença não remunerada. Além disso, integra o comitê gestor do Instituto de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberanias Informacionais (INCT-DSI)². A trajetória acadêmica de Medrado reúne experiências diversas e a sua pesquisa aponta referências importantes nos debates sobre mídia, inclusão social e justiça digital. Em tempos de transformações tecnológicas profundas, ela destaca as redes sociais e as tecnologias digitais não apenas como ferramentas, mas como espaços de disputa e possibilidades de mudança.

Em seu livro mais recente, *Media Activism, Artivism and the Fight Against Marginalisation in the Global South: South-to-South Communication*³ (Routledge, 2023), escrito em coautoria com Isabella Rega, Medrado explora como práticas artísticas e ativistas podem transformar as dinâmicas midiáticas e promover o empoderamento de comunidades marginalizadas. A obra, premiada pela ICA com o *Activism, Communication & Social Justice Outstanding Book Award* em 2024 e com tradução prevista para o português pela editora FES Colômbia, reflete sua preocupação constante com a escuta ativa das vozes do Sul Global e o debate contemporâneo sobre justiça social e letramento midiático. O Sul Global, que enfrenta desigualdades estruturais profundas, ocupa um lugar central nas reflexões da autora. Para Medrado, esse conceito vai além de uma definição geográfica, funcionando como um projeto de solidariedade política entre regiões que compartilham o desafio de superar as marcas do processo colonizador. Segundo a pesquisadora, a noção de Sul Global aproxima diferentes contextos sociais e culturais e permite a construção de estratégias coletivas para superar impactos do colonialismo e desigualdades históricas.

² O INCT-DSI se trata do Instituto de Ciência e Tecnologia em Disputas e Soberanias Informacionais, que reúne pesquisadores nacionais e internacionais, grupos de pesquisa e estudantes em uma parceria com mais de vinte instituições de ensino. Ele possui três eixos de pesquisa e atuação: soberania científica, circulação de informação em mídias tradicionais e circulação de informações mediadas por plataformas, algoritmos e dados. Cf. INCTDSI. Sobre o INCT-DSI, 2025. Disponível em: <https://inctdsi.uff.br/inct-dsi/#>. Acesso em: 5 jan. 2025.

³ MEDRADO, Andrea; REGA, Isabella. *Media Activism, Artivism and the Fight Against Marginalisation in the Global South: South-to-South Communication*. New York: Routledge, 2023.

Essa visão se alinha às suas reflexões sobre a necessidade de construção de um cenário midiático mais justo e inclusivo no mundo, pautado pela escuta das vozes historicamente marginalizadas. De acordo com Medrado, o desenvolvimento de habilidades críticas, que capacitem indivíduos e comunidades a usar as mídias de forma ética e consciente, seria fundamental para enfrentar as desigualdades estruturais que persistem entre o Norte e o Sul Globais. Contudo, ela enfatiza que o letramento midiático sem um propósito político de luta não é suficiente para gerar mudanças sociais positivas. Para ela, a alfabetização midiática deve estar sempre associada a um compromisso com a transformação social.

Formada em Comunicação Social pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL), Medrado construiu uma carreira acadêmica marcada pela interdisciplinaridade e pela conexão com as realidades sociais. No mestrado pela *University of Oregon*, nos Estados Unidos, investigou a TV comunitária da Rocinha, a TV ROC, analisando como essa emissora local usava a mídia como ferramenta de inclusão e representatividade. Seu doutorado na *University of Westminster*, em Londres, aprofunda as reflexões sobre a comunicação comunitária e midiativismo, com um estudo etnográfico focado nas paisagens sonoras e nas práticas midiáticas de um bairro popular em Salvador. Em cada etapa, Medrado trouxe um olhar atento às complexas relações entre mídia e desigualdades sociais. Ao longo dos anos, sua pesquisa evoluiu para abarcar os desafios e possibilidades trazidos pela era digital. A literacia de dados ocupa posição central em seu novo projeto de pesquisa. A pesquisadora analisa como a inteligência artificial (IA) impacta o trabalho ativista e artista em comunidades marginalizadas. Ela defende que a conscientização sobre o papel dos dados na alimentação da IA pode ser um passo crucial para o desenvolvimento de políticas mais inclusivas e para a regulamentação da IA, promovendo maior equidade nas práticas digitais.

Nesta entrevista, realizada online em dezembro de 2024, Andrea Medrado compartilha suas reflexões sobre o papel transformador das práticas artísticas e ativistas no universo das mídias digitais e aborda a relevância da extensão universitária. Medrado enfatiza a necessidade de integrar a extensão à pesquisa e ao ensino, uma vez que essa

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

articulação fortalece a educação e gera um impacto direto na sociedade, contribuindo para a construção de um Brasil mais justo e inclusivo. Ela nos conduz a uma reflexão potente sobre interseções entre mídia, educação e justiça social, apontando caminhos para um futuro em que as tecnologias de comunicação se tornem aliadas fundamentais na promoção da equidade e inclusão.

Revista Eco-Pós: De que maneira a alfabetização midiática pode transformar o ativismo social, especialmente em contextos de grande desigualdade?

Andrea Medrado: Tenho realizado pesquisas com grupos ativistas e 'artivistas' (artistas ativistas) no Sul Global há quase dez anos. Pensar a comunicação para a transformação social entre os grupos que mais sofrem com a desigualdade nos demanda um maior entrelaçamento entre os campos da alfabetização midiática e do ativismo social e estudos de movimentos sociais. De que maneiras o ativismo por justiça social pode ser mobilizado por meio de uma aplicação global e local, ou glocal, da alfabetização midiática? Acreditamos que a alfabetização midiática precisa ser vista como um conceito dinâmico, fluido e vivo. Ela também deve ser discutida e analisada em sinergia com os contextos culturais, geopolíticos e o ecossistema midiático. Quando adotamos essas perspectivas mais fluidas e profundamente contextualizadas, percebemos que alguns modelos de competência em alfabetização midiática possuem princípios um pouco simplistas, como se transformações sociais positivas pudessem derivar de forma quase automática do desenvolvimento de habilidades de alfabetização midiática. No entanto, com nossa pesquisa, percebemos que os modelos baseados em competência oferecem respostas que, muitas vezes, são insuficientes. A ideia de que as habilidades de alfabetização midiática podem representar 'soluções' para ecossistemas midiáticos injustos e distorcidos simplesmente não está funcionando. Na realidade, às vezes, são justamente as pessoas 'alfabetizadas midiaticamente' que são responsáveis por produzir e nutrir desinformação, discursos polarizadores e narrativas de exclusão. Partindo desse ponto, um caminho que

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

encontramos foi trabalhar com projetos de alfabetização midiática que combinem e incorporem práticas ativistas e artísticas (ativistas). Assim, podemos deslocar o foco para a autorrepresentação e a autoexpressão, abrangendo tanto a perspectiva individual quanto as práticas coletivas. Dessa forma, afastamo-nos de modelos solucionistas de alfabetização midiática, que são baseados apenas em ideias instrumentalistas de competência midiática. Essa mudança permite que a alfabetização midiática se torne um canal ou instrumento para exercícios e práticas de transformação social.

Revista Eco-Pós: Qual é a importância da alfabetização midiática no Sul Global e como auxilia a enfrentar desafios específicos dessa região?

Andrea Medrado: Em nossa pesquisa, e inspirados por perspectivas latino-americanas e especificamente freireanas, trabalhamos com quatro elementos inter-relacionados da alfabetização midiática. Tratamos dessas questões em um artigo que publicamos (eu e Isabella Rega) recentemente. Os elementos são: acesso, conscientização, capacidade e consequências. O acesso ocorre quando os cidadãos são 'alfabetizados' o suficiente para tomar decisões bem-informadas sobre o que acessar dentro do ecossistema midiático e possuem as habilidades necessárias para a utilização das tecnologias digitais disponíveis. A conscientização ocorre quando a alfabetização midiática permite que os indivíduos tenham uma perspectiva crítica sobre os modos como pessoas, eventos, questões e lugares são representados por e nos meios de comunicação. A conscientização também viabiliza compreender como o ambiente midiático com o qual interagimos é construído. Desperta perguntas como: quem são os donos ou controladores das diferentes fontes de mídia? De que formas as mídias digitais e sociais são governadas e manipuladas? Já a capacidade se refere ao uso da alfabetização midiática de forma mais ativa para propósitos específicos em nossas vidas. Isso inclui o envolvimento direto no ecossistema midiático como criadores de conteúdo. Finalmente, as consequências se referem às contribuições que a alfabetização midiática pode oferecer para trazer transformações sociais positivas. As

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

consequências ocorrem quando as pessoas se envolvem em ações de alfabetização midiática que podem ter um impacto construtivo e positivo no ecossistema midiático, em suas vidas e nas vidas de outras pessoas. É importante destacar que o próprio conceito de 'Sul Global' pode ser problemático e, em alguns momentos, pouco útil. Isso ocorre porque ele tende a generalizar e homogeneizar realidades muito distintas. Afinal, o que realmente une os diversos contextos que compõem o chamado Sul Global? Seria o fato de serem economias subdesenvolvidas e exploradas? Ou a história comum de subjugação ao colonialismo? Talvez as desigualdades sociais mais acentuadas?

Essas questões são extremamente complexas e, frequentemente, levam a análises simplistas que colocam contextos diversos e plurais em um mesmo grupo homogêneo. Por outro lado, nossa pesquisa tem mostrado que o conceito de Sul Global pode ser útil em um sentido simbólico, funcionando como um projeto de solidariedade política. Ele permite aproximar contextos que, apesar de distintos, compartilham um legado de buscar, vamos dizer assim, cicatrizar feridas coloniais e desigualdades sociais. Quando esses contextos se unem, é possível enfrentar esses desafios de maneira mais estratégica e eficaz. Então, quando refletimos sobre essas questões conceituais, o Sul Global apresenta desafios nos quatro níveis que mencionei sobre a importância da alfabetização midiática.

O primeiro é a questão do acesso: como podemos acessar os ecossistemas midiáticos uns dos outros, nos diversos contextos do Sul Global? Isso ainda é algo muito limitado. Na maior parte das vezes, somos mediados por filtros e pela forte presença dos ecossistemas midiáticos do Norte Global. Isso sem falar nas barreiras culturais, linguísticas, na falta de conscientização e na ausência de uma perspectiva crítica mais ampla. Outro ponto crucial é que, no chamado 'Sul Global', ainda precisamos desaprender as imagens e ideias negativas que temos uns sobre os outros, as quais foram historicamente construídas, muitas vezes de maneira inconsciente, mas que ainda exercem uma influência muito forte. Com relação ao terceiro elemento, a capacidade, somos impactados de forma negativa pelos dois primeiros elementos: o acesso limitado e a perpetuação de imagens negativas.

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

Isso afeta diretamente o terceiro nível, que são as ações de alfabetização midiática, que poderiam ter um impacto mais profundo, mas acabam prejudicadas pelas limitações das capacidades. Por fim, temos o quarto nível, as consequências. As transformações sociais esperadas a partir da alfabetização midiática são profundamente limitadas pelas desigualdades estruturais que ainda, infelizmente, separam o Norte Global do Sul Global. Por isso, todo o nosso trabalho está direcionado para a importância do estabelecimento de mais diálogos Sul-Sul. Eu acredito com muita convicção que esses diálogos podem contribuir para enfrentar desafios nesses quatro níveis e, assim, promover um impacto mais significativo na alfabetização midiática, no ativismo e na transformação social.

Revista Eco-Pós: Como a universidade pode colaborar nesse processo? Quais seriam os desafios a serem enfrentados para uma integração maior entre ensino e extensão na prática acadêmica?

Andrea Medrado: A ideia central da extensão na prática acadêmica é justamente contestar a noção de que os saberes letrados, por falta de uma palavra melhor, são superiores a outros tipos de saberes e conhecimentos. Sempre admirei profundamente a tradição de extensão universitária na América Latina, especialmente nas universidades públicas. No entanto, foi somente depois de morar fora do Brasil por muitos anos que percebi o quanto essa é uma tradição única, especial e extremamente valiosa.

A própria palavra 'extensão' carrega um significado poderoso: ela demonstra que a universidade é, de fato, uma ampliação dos saberes das comunidades nas quais está inserida. Quando esses conhecimentos circulam livremente, sem barreiras que separem a universidade do mundo externo, eles são reelaborados dentro do ambiente acadêmico, ganhando força e impulso para, então, serem devolvidos às comunidades. Esse processo, idealmente, ocorre de maneira colaborativa.

Claro que, na prática, ainda enfrentamos muitos desafios. As universidades, mesmo as públicas no Brasil, continuam sendo espaços marcados pelo elitismo, racismo e sexismo (entre muitas outras formas de discriminação) e pela exclusão de setores marginalizados. No entanto, as iniciativas de extensão têm desempenhado um papel transformador,

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

contribuindo significativamente para a sociedade brasileira e para outros países da América Latina, que compartilham a tradição de universidade pública.

Infelizmente, um dos problemas é que não valorizamos o suficiente essa tradição. As dinâmicas de avaliação das universidades e dos programas frequentemente atribuem à extensão um peso menor do que dão à pesquisa, por exemplo. Além disso, as divisões entre extensão, pesquisa e ensino acabam sendo arbitrárias. Muitos projetos de extensão são, na verdade, pesquisas; e muitos trabalhos de pesquisa têm forte caráter extensionista. Essas duas áreas podem ser integradas ao ensino de formas muito potentes.

Essas separações artificiais levam, muitas vezes, à desvalorização da extensão, quando deveria acontecer o contrário. E, além disso, há as dificuldades estruturais, como limitações de financiamento e orçamento, que afetam diretamente a universidade pública. No caso brasileiro, essa situação é agravada por ataques políticos às universidades, que têm sido alvo de um crescente sentimento anti-ciência e anti-produção de conhecimento. Por isso, é fundamental que sejamos defensores apaixonados da extensão universitária como uma prática totalmente integrada à pesquisa e ao ensino. Precisamos reconhecer e valorizar o fato de que essa tradição é algo muito especial no contexto das universidades públicas brasileiras e latino-americanas. Proteger e promover esse modelo é essencial para o presente e o futuro da educação e para a construção de sociedades mais justas e inclusivas.

Revista Eco-Pós: Quais estratégias devem ser consideradas no desenvolvimento eficaz da alfabetização midiática no Brasil?

Andrea Medrado: Não tinha pensado especificamente nisso antes, mas a pergunta anterior – sobre extensão - me fez pensar na potencialidade das atividades de extensão nas universidades brasileiras, como um espaço propenso a práticas interessantes de alfabetização midiática, especialmente se pensadas em conjunto com nossas redes de ativistas na mídia. Sei que colegas de várias partes do Brasil, colegas que integram o INCT-DSI, por exemplo, do qual faço parte, têm feito trabalhos de pesquisa e extensão bem interessantes sobre literacia de e para os dados e sobre a importância das questões de

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

soberania digital.

Mas não podemos esquecer que o Brasil é um país continental, com uma imensa diversidade regional. Sendo nordestina, muitas vezes ainda me surpreendo, diria que até mesmo me choco, com a centralidade do Sudeste e do Sul e com as desigualdades regionais no apoio à produção do conhecimento, tanto para a alfabetização midiática quanto para outras áreas.

Além disso, as estratégias de alfabetização midiática precisam ser inclusivas, antirracistas e interseccionais. Na primeira pergunta, falei sobre a importância de a alfabetização midiática deslocar o foco com características solucionistas e simplistas para questões de autorrepresentação e autoexpressão, abrangendo o individual, mas também o coletivo. Nas especificidades do contexto brasileiro, acho que estratégias de alfabetização midiática podem seguir no esforço de incorporar mais perspectivas de nossas pensadoras e pensadores negros, negras e indígenas, por exemplo. Intelectuais como Conceição Evaristo, por exemplo, têm nos chamado a atenção para a importância da escrevivência. É isso. Talvez um caminho seja o da alfabetização midiática abraçar mais e de forma mais explícita nossas escrevivências.

Revista Eco-Pós: Quais os desafios e impactos decorrentes da pandemia da Covid-19 no acesso à informação e na inclusão digital? Seria possível superá-los?

Andrea Medrado: A pandemia trouxe desafios significativos relacionados à inclusão digital, mas também teve o efeito positivo, se quisermos soar um pouco otimistas, de tornar essas questões mais visíveis em todos os setores. Um exemplo é o da educação, onde a desigualdade digital ficou extremamente evidente. Muitas crianças, muitos alunos de todos os níveis da educação, foram excluídos do ensino online por falta de acesso às tecnologias necessárias. Embora essa exclusão tenha sido profundamente problemática, ela destacou a necessidade urgente de abordar essa questão que sempre foi uma ‘pedra no sapato’ quando se falava de educação digital.

Outro desafio crítico que veio com força total durante a pandemia foi a desinformação.

Dossiê Alfabetização Midiática e News Literacy

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

Teorias da conspiração, como as narrativas antivacina, demonstraram os perigos de fluxos de informação descontrolados e ressaltaram a necessidade de questionar quem controla essas informações. A pandemia levantou questões importantes sobre a regulação das plataformas digitais e as implicações de deixar esse poder nas mãos de corporações privadas.

Isso nos leva à importância de uma noção de alfabetização midiática mais ampla para enfrentar esses desafios. Mais do que garantir o acesso às ferramentas digitais, precisamos também prestar atenção em como as pessoas utilizam essas ferramentas. A alfabetização midiática não deve ser apenas sobre entender as tecnologias digitais. Precisa haver uma orientação para promover inclusão, justiça e cidadania de forma ativa. Precisamos incentivar o pensamento crítico sobre os sistemas que governam os espaços digitais. Quando a alfabetização midiática encontra o ativismo, no sentido de atuação mesmo para mudanças sociais no campo social progressista, ficamos mais bem preparados para desafiar as desigualdades sistêmicas e exigir transformações mais significativas. No entanto, encarar esses desafios exige esforço. Questões como: ‘quem controla a internet?’, agora agravadas pelo avanço da inteligência artificial (IA), adicionam mais complexidade ao problema. Para enfrentá-las, é fundamental uma colaboração interdisciplinar que envolva áreas como comunicação, antropologia, educação e ciências da computação, para citar só algumas áreas. Enfim, acredito que as pistas estejam em garantir mais acesso às tecnologias digitais, mas também combinar esse acesso ao desenvolvimento de habilidades críticas necessárias para um uso ético e consciente (no sentido de justiça social).

Revista Eco-Pós: Quais foram os principais aprendizados ao conectar práticas de jovens artistas no Brasil e no Quênia e como essas experiências contribuem para a alfabetização midiática e a transformação social?

Andrea Medrado: Nos dois países, as iniciativas mais bem-sucedidas no que diz respeito à combinação da arte com as tecnologias digitais para combater a marginalização social tendem a vir das bases. No Brasil, trabalhamos com coletivos midiativistas compostos por

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

moradores das favelas, dentro da filosofia “nós por nós”. Ou seja, são os moradores que contam suas próprias histórias. Nada mais natural: afinal, são histórias nas quais eles são os protagonistas. O Papo Reto⁴ e a Maré Vive⁵ no Rio, representam alguns exemplos desses grupos com os quais aprendemos muito sobre a força do midiativismo de favela. O orgulho de ser cria de favela também trouxe lições importantes para nós. Renata Souza, doutora pela ECO, midiativista e deputada estadual, escreveu um livro maravilhoso, com esse título. Essa lição nos remete ao que falei no início da entrevista, sobre a importância de nos distanciarmos de noções solucionistas da alfabetização midiática e nos aproximarmos de noções de alfabetização midiática que dêem espaço para a auto-representação por parte dos grupos que sofrem mais desigualdades e que são os que deveriam se beneficiar dessa “alfabetização”. Em outras palavras, o alfabetizar midiático, assim, só por alfabetizar, sem um propósito de luta, no sentido político mesmo, sem estar acompanhado de um processo de auto-fortalecimento como o que ocorre com as filosofias “nós por nós” do(a)s crias de favela, não vai necessariamente nos levar na direção da mudança social positiva.

No Quênia, aprendemos sobre a importância de se criar uma organização guarda-chuva que possa proteger e apoiar os artistas. Para qualquer artista que desenvolva um trabalho criativo sobre questões sociais, principalmente se esse artista for de um grupo socialmente marginalizado, é crucial pertencer a uma rede de artistas atuando sob uma organização “guarda-chuva”, como a PAWA254⁶ (com quem trabalhamos). Dessa forma,

⁴ O Coletivo Papo Reto, criado em 2014 no Complexo do Alemão, é uma organização de comunicação independente e mobilização social voltada para a redução das desigualdades e a construção de estratégias para a garantia de direitos das populações periféricas no Rio de Janeiro. Como desdobramento desse trabalho, em 2024, passou a se chamar Instituto Papo Reto, ampliando suas ações para a defesa dos direitos humanos, a promoção da justiça social e o desenvolvimento de soluções para desafios climáticos e ambientais, considerando as realidades das favelas. Cf. <https://institutopaporeto.org/historia/>. Acesso em: 2 mar. 2025.

⁵ A Maré Vive é uma mídia comunitária e colaborativa da Favela da Maré, no Rio de Janeiro, que visa promover a comunicação independente e dar voz às questões locais da comunidade. Cf. <https://x.com/marevive>. Acesso em: 2 mar. 2025.

⁶ PAWA254 é uma organização não governamental baseada em Nairóbi, Quênia, dedicada a apoiar jornalistas e criadores de conteúdo africanos, promovendo o jornalismo independente. A PAWA254 também se envolve em projetos relacionados à arte, cultura e ativismo, buscando criar plataformas para vozes marginalizadas e fomentar a participação cívica por meio da comunicação. Disponível em: <https://pawa254.org/>. Acesso em: 2 mar. 2025.

eles podem receber proteção e suporte se sofrerem qualquer tipo de perseguição das autoridades. Em Nairobi, conhecemos o fotógrafo Msingi Sasis, por exemplo. Quando Msingi foi perseguido e preso pelas autoridades, o suporte que ele obteve da PAWA254 foi essencial não apenas para a sua liberdade, mas também para ajudá-lo a reconstruir sua rede de clientes, restabelecendo-se financeira e psicologicamente.

Além disso, também nos dois casos, criar parcerias com organizações internacionais, como ocorre entre o Papo Reto e a *Witness*⁷, pode ser muito eficaz para trocar experiências e conhecimentos. Acho que uma área que é fundamental para o debate contemporâneo sobre alfabetização midiática é a área de segurança de dados. Falar sobre grupos ativistas e midiativistas no Sul Global é falar do quanto a visibilidade midiática é uma faca de dois gumes. Por um lado, a visibilidade é essencial para que as causas ganhem a atenção necessária em um ecossistema midiático cada vez mais competitivo e polarizado. Basta pensarmos aqui no assassinato de George Floyd pelo policial Derek Chauvin. O Movimento *Black Lives Matter* não teria tomado as proporções que tomou se não fosse a viralização daquelas imagens terríveis. Por outro lado, para ativistas e midiativistas, principalmente no contexto do Sul Global, visibilidade se torna sinônimo de vulnerabilidade. São diversos os ataques online, como captura de perfis, doxing, destruição de reputação com *fake news*, isso sem nem entrar na questão dos ataques com deep fakes, ou os ataques físicos, na vida real. Então, tratar de alfabetização midiática no contexto do ativismo de grupos que lutam para a transformação social em áreas muito sensíveis é também tratar da conscientização sobre a importância da literacia ou alfabetização de proteção e segurança de dados. Essa é uma área que comecei a explorar em meu novo projeto de pesquisa.

Revista Eco-Pós: Poderia nos contar mais sobre este seu novo projeto de pesquisa e as questões abordadas nos estudos atuais?

⁷ A Witness é uma organização internacional sem fins lucrativos que capacita defensores dos direitos humanos a utilizar o vídeo como ferramenta para documentar e expor violações de direitos humanos. Através de treinamentos, recursos online gratuitos e parcerias locais, a Witness apoia a produção de provas audiovisuais que podem ser usadas em mobilizações sociais e ações jurídicas. Disponível em: <https://www.witness.org/about/>. Acesso em: 2 mar. 2025.

Andrea Medrado: Completamos o projeto *eVoices*⁸, Sobre mídias digitais e comunicação Sul-Sul. O livro *Media Activism, Artivism and the Fight Against Marginalisation in the Global South* foi publicado em 2013 em inglês. Uma tradução em português, em acesso aberto, está para sair, graças ao trabalho da Editora FES Colômbia e Omar Rincón. A FES tem feito um esforço importante para dar visibilidade a autoras e pesquisadoras latino-americanas. Por sinal, mudando de assunto rapidinho, recomendo muito que acessem a série Mulheres da Comunicação, que inclui mulheres da comunicação de diversos países da América Latina, inclusive o Brasil, publicada pela FES. Mas voltando à pergunta... Estou trabalhando agora em dois novos projetos que são elaborações de questões que surgiram no projeto *eVoices*. O primeiro projeto se chama “Os Fundamentos Sociais da Criptografia” e trabalha com a questão da literacia de proteção e segurança de dados entre grupos ativistas do Sul Global. Conseguimos financiamento da *Engineering and Physical Sciences Research Council* (EPSRC) no Reino Unido para reunir uma equipe de pesquisadores de ciências da computação/criptógrafos e pesquisadores de estudos de mídia e antropologia/etnógrafos. Um dos objetivos é definir o que significa garantir a segurança da informação a partir da perspectiva de ativistas em momentos de protestos massivos, mas também no cotidiano de movimentos sociais. No que diz respeito à minha participação no projeto, estamos aplicando a etnografia para estudar as necessidades de segurança de participantes em movimentos que usam o midiativismo, entre outras ferramentas, para lutar contra a violência policial no Brasil. Com os resultados obtidos, vamos buscar avaliar tecnologias existentes e desenvolver conceitos criptográficos que melhor atendam às necessidades sociais e identificadas, já que a criptografia também é desenvolvida a partir de um olhar do Norte Global, sem um contato aprofundado com a realidade daqueles que mais precisam

⁸ O projeto *eVoices: Redressing Marginality*, financiado pelo *UK Arts and Humanities Research Council* (AHRC), foi uma rede internacional que conectou acadêmicos, ativistas midiáticos e artistas para investigar o uso das tecnologias digitais e do ativismo como estratégias de enfrentamento à marginalização no Sul Global. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/20436106241260889?icid=int.sj-full-text.similar-articles.8>. Acesso em: 10 fev. 2025.

da segurança de informações.

O segundo projeto trata de questões de governança de IA a partir das margens. Estamos buscando envolver líderes de grupos comunitários no Reino Unido e no Sul Global, no Brasil, mas possivelmente também na África do Sul e no México, em debates sobre governança de inteligência artificial (IA) por meio de uma série de oficinas de pesquisa-ação participativa (IAP). Existem enormes assimetrias entre como as grandes empresas de tecnologia no Norte Global e as comunidades marginalizadas no Sul Global se beneficiam da inovação em IA. Então, o projeto aborda essa grave ausência de vozes da chamada maioria global (*global majority*), que é impedida de participar nas discussões sobre governança de IA. Apesar de não abordar diretamente questões de alfabetização midiática, mais uma vez, a literacia de dados é central ao projeto. Buscamos repensar como a IA está afetando o trabalho ativista e artivista em comunidades marginalizadas e como uma conscientização acerca de como os dados alimentam a IA entre esses grupos pode nos trazer pistas para políticas mais inclusivas e para a regulamentação da IA.

Revista Eco-Pós: Quais são as principais questões sobre as realidades do Brasil e do Quênia abordadas no livro “Media Activism, Artivism and the Fight Against Marginalisation in the Global South”?

Andrea Medrado: Às vezes, no nosso trabalho, seguimos um caminho de especialização e delimitação. No meu caso, o percurso foi quase o oposto, e isso aconteceu de forma interessante — quase como um “acidente feliz”. Eu estava pesquisando mídia comunitária e ativismo no Brasil e participei de um evento na Inglaterra, onde conheci colegas que trabalhavam com questões semelhantes em outros países. Desses encontros, surgiu a ideia de formar uma rede com foco no Sul Global, explorando o uso de tecnologias digitais e o midiativismo como formas de combater a marginalização social em diferentes contextos. Foi nesse momento que tive a oportunidade de trabalhar como co-investigadora no Projeto *eVoices*. Na época, eu estava no Brasil, mas já dialogando com experiências de outros países, como o Quênia. Essa troca foi fundamental para fortalecer meu interesse no Sul Global e

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

perceber como os diálogos entre contextos semelhantes podem revelar pontos em comum e gerar estratégias colaborativas. Por exemplo, muitos dos temas abordados em nosso livro surgiram dessas reflexões.

Um dos principais temas do livro é a necessidade de conceituar o midiativismo e o ativismo a partir de uma perspectiva Sul-Sul. Isso inclui pensar em territórios midiáticos ocupados por essas iniciativas, o resgate e fortalecimento de memórias coletivas e o potencial estratégico do diálogo para abordar problemas comuns. Outra questão importante é a visibilidade, que, em contextos do Sul Global, é frequentemente vista como um objetivo final do ativismo. No entanto, a visibilidade traz vulnerabilidades, como ataques e exposição negativa, para as quais muitos movimentos ainda não estão preparados. Isso exige que a gente construa pontes interdisciplinares, inclusive com áreas como a criptografia, que venho explorando recentemente.

Outro tema central foi o uso da arte como instrumento de diálogo no ativismo. Nesse sentido, o projeto *eVoices* incluiu experiências transformadoras, como o filme de animação experimental *Retrato de Marielle*⁹, que produzimos. A história de Marielle Franco foi usada como um fio narrativo para conectar as lutas de ativistas brasileiros e quenianos. No Quênia, os artistas criaram um vídeo de animação em homenagem ao legado de Marielle, enquanto, no Brasil, foi realizada uma atividade semelhante pela diretora Ng'endo Mukii em Salvador para honrar Wangari Maathai, política e ativista ambiental queniana. Essas ações coletivas e participativas mostraram o poder da arte como ferramenta de conexão no Sul Global. Os dois vídeos de animação também circularam bastante nas redes sociais, confirmando aquele velho clichê, mas que é muito verdade, do poder da arte como linguagem universal.

Por fim, esse projeto me levou a refletir sobre as dinâmicas entre o Sul e o Norte. Muitas vezes, vemos metodologias e epistemologias do Norte sendo aplicadas ao Sul de forma inadequada, como se fosse preciso moldar os contextos do Sul para caberem em

⁹ Disponível em: <https://vimeo.com/301618386>. Acesso em; 10 fev. 2025.

paradigmas que não nos representam. Quantas vezes fui convidada a enviar 'o capítulo do Brasil', ou, pior, o capítulo da América Latina, para uma coletânea editada no Norte, apenas para que meu capítulo pudesse confirmar empiricamente modelos epistemológicos e metodológicos do Norte? Muitas. Perdi até as contas. Então, essa minha experiência de viver e trabalhar entre esses dois contextos me motivou a valorizar e promover os modelos e propostas epistemológicas do Sul. Inverter essa lógica que nos coloca em verdadeiras camisas de força. Já os modelos do Sul nos oferecem ricas possibilidades, tanto em diálogo com o Norte quanto entre os próprios países do Sul, algo que ainda é relativamente pouco explorado. No entanto, reconheço que esses fluxos nem sempre são fáceis ou funcionam perfeitamente. Essas dinâmicas sul-sul e sul-norte, influenciadas pela minha trajetória de vida como migrante e acadêmica que viveu em diversos países, são o que guiam minha pesquisa e me motivam.

Revista Eco-Pós: Poderia nos contar um pouco sobre a sua experiência de viver em diferentes países e de estudar e atuar como professora no exterior?

Andrea Medrado: Considero um privilégio e um grande aprendizado ter tido a oportunidade de estudar e trabalhar fora em diversos países. Fiz mestrado nos Estados Unidos, na *University of Oregon*, com bolsa da Fulbright. Lá, tive meu primeiro contato com um grupo internacional de estudantes de várias partes do mundo, o que foi muito divertido. Formamos um grande grupo internacional, com pessoas de todo o mundo, aprendíamos gírias em diversas línguas, experimentávamos comidas e nos adaptávamos juntos, com muito apoio, ao sistema educacional americano. Desde então, acho que, talvez, eu só me sinta em casa, ironicamente, em situações em que esteja cercada de pessoas que, como eu, não se sentem em casa em lugar nenhum. Nos Estados Unidos, também dei aulas de português e trabalhei como assistente de professora.

Depois do mestrado, fiz doutorado no Reino Unido, na *University of Westminster*, em Londres. Foram quatro anos estudando, aprendendo, circulando, ralando muito e passando muitos perrengues em Londres. O ambiente em Londres é ainda mais internacional e

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

certamente uma situação menos protegida do que a do campus da *University of Oregon*. Mas estar na Inglaterra me ensinou a não temer tomar a iniciativa. Como doutoranda, fui além da minha pesquisa: fui vendedora de livros, assistente em eventos acadêmicos, tomei conta de salas durante provas e dei aulas. Não foi fácil, mas sem dúvida me ajudou a me tornar uma pessoa mais "resiliente". Também percebo o quanto nós, pesquisadores latino-americanos, temos que nos tornar multifacetados pela força das circunstâncias. Estamos acostumados a equilibrar trabalho, estudo e sobrevivência financeira. Não quero romantizar o multitasking e os perrengues, mas essas experiências nos ensinam muito. Depois de completar o doutorado na Westminster, fiz pós-doutorado e consegui um emprego na Inglaterra. Depois de um ano, fiquei grávida e decidimos ter nosso filho no Brasil. Passei no concurso da UFF. Dar aulas na universidade pública fez parte do período de formação mais importante da minha vida. Estar cercada de pessoas motivadas, apaixonadas e que viam a pesquisa como algo totalmente integrado às comunidades teve um impacto muito forte na minha formação intelectual. Aqui na Inglaterra, sinto muita saudade do ambiente da universidade pública e de como nunca faltavam debates ou questionamentos nas salas e corredores. Desde 2020, início da pandemia, estou de volta à Inglaterra. Enfim, ciclos, idas e vindas. Esse lugar entre lá e cá estará sempre comigo. O coração e a mente ficam sempre divididos, mas também me sinto muito grata e privilegiada por poder estar nesse lugar.

Referências

INCTDSI. *Sobre o INCT-DSI*, 2025. Disponível em: <https://inctdsi.uff.br/inct-dsi/#>. Acesso em: 5 jan. 2025.

MEDRADO, Andrea; REGA, Isabella. *Media Activism, Artivism and the Fight Against Marginalisation in the Global South: South-to-South Communication*. New York: Routledge, 2023.

SOUZA, Renata. *Cria da favela: Resistência à militarização da vida*. São Paulo: Boitempo, 2020.

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479

Beatriz Goes – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas. Bolsista CAPES.
Email: beatrizzgoes@gmail.com.
ORCID: 0009-0009-2938-6369

Dossiê **Alfabetização Midiática e News Literacy**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28479